

“OLHAI AS AVES DO CÉU; BUSCAI O REINO DOS CÉUS”: OBSERVAÇÃO E BUSCA NO SERMÃO DO MONTE COMO PRINCÍPIOS DA SUSTENTABILIDADE (MT 6,25-34)

Marcelo da Silva Carneiro¹

Resumo

Uma ética da sustentabilidade é constituída por princípios estabelecidos em conjunto com a sociedade e o meio ambiente. No Sermão do Monte Jesus ensina princípios éticos que têm relação com uma mudança de pensamento e atitude, uma cultura de não violência e desapego dos bens materiais, que aponta para algo novo. Esse artigo busca mostrar como a observação da natureza e a busca pelo Reino de Deus, elementos presentes no trecho de Mt 6,25-34, são princípios de sustentabilidade que superam o desejo de acúmulo de bens e poder.

Palavras-chave: *Sustentabilidade. Ética. Sermão do Monte. Evangelho de Mateus. Discipulado. Reino de Deus.*

Abstract

An Sustainability Ethic is constituted by established principles in order to social and environmental. In the Sermon of the Mount Jesus teach ethical principles that relate with change in thinking and attitude, a non-violence culture and detachment from material goods, pointing to something new. This article wants to show how the Nature observation and the pursuit for the Kingdom of God, issues presents in Mt 6,25-34, are principles of Sustainability that overcome the accumulation of goods and power desire.

Keywords: *Sustainability. Ethics. Sermon of the Mount. Matthew Gospel. Discipleship. Kingdom of God.*

Introdução

Falar de natureza e sustentabilidade nos remonta ao tema da ecologia e suas implicações éticas. Jürgen Moltmann, ao pensar nessa questão, afirmou:

1. Mestre em Teologia pela PUC-Rio, Doutorando em Ciências da Religião pela UMESP. Teólogo Metodista.

A nossa situação é determinada pela crise ecológica de toda a nossa civilização científica e tecnológica, e pelo esgotamento da natureza através do ser humano. Essa crise é moral, e não somente para os seres humanos. Por muito tempo já significou a morte de outros seres vivos e para o ambiente natural também. A menos que haja uma inversão radical na orientação fundamental de nossas sociedades humanas, e a menos que sejamos bem-sucedidos em caminhos alternativos para um modo de viver e lidar com outros seres vivos e com a natureza, esta crise vai acabar em uma indiscriminada catástrofe².

Essa longa citação abre o presente artigo com uma pergunta: como pensar a sustentabilidade, isto é, o não esgotamento dos recursos e das pessoas, à luz das Escrituras? Tomamos como ponto de reflexão para esta questão o Sermão do Monte, onde Jesus desafia seus discípulos a uma vida radicalmente diferente daquela vivida pelas pessoas dominadas no Império Romano. O contexto era diferente do nosso, mas ali também as condições de vida se tornavam adversas pela dominação tirana dos romanos e a insensibilidade dos poderosos para com os mais fracos, ou, num termo mais contemporâneo, fragilizados socialmente, vivendo a insegurança alimentar e o espólio dos bens.

Para tanto, vamos analisar alguns aspectos no ensino do Sermão do Monte. Em primeiro lugar, veremos no todo do Sermão como ele é uma proposta ética vital, mais que um desfile de mandamentos, visando educar a comunidade a uma nova proposta de vida, em que ética e desapego das coisas materiais são fundamentais para tal. Depois, veremos no texto específico de Mt 6,25-34 o que podemos chamar de uma ética de sustentabilidade presente no texto, baseados na ordenança de Jesus de não se preocupar. Na terceira parte, analisaremos um dos princípios de sustentabilidade, da observação da natureza, e como ela aponta para algo maior que nós mesmos, e a própria criação. Por fim, veremos a busca do reino e da justiça de Deus como outro princípio de sustentabilidade, que leva a pessoa para fora de si, em prol do próximo e do meio ambiente.

1. O Sermão do Monte como proposta ética vital

O Sermão do Monte, da forma como aparece no Evangelho de Mateus, é uma construção literária, muito bem delineada, que abre os cinco discursos de Jesus no Evangelho³. Para alguns pode ser entendido como o anúncio sobre o

2. Citado por JÚNIOR, Josias da Costa. "Espírito e natureza na teologia de Jürgen Moltmann". In: *Caminhando*, Vol. 13, n. 22. São Bernardo do Campo: Editeo, 2º semestre de 2008, p. 81.

3. Cf. SCHWEIZER, Eduard. *Il vangelo secondo Matteo*, p.185-192, onde ele apresenta as diversas respostas para os problemas da vida no discurso, que apontam tanto para Jesus quanto para o próprio Mateus, passando pela voz da comunidade, a interpretação comunitária da voz de Jesus, bem como algum material oriundo da fonte Q.

Reino dos Céus, que contém a “síntese de toda a teologia do Reinado de Deus”⁴; para outros seria como uma nova Torá, um código da aliança messiânica⁵. Seja como for, ele aponta para o estilo de vida dos discípulos de Jesus, que são bem-aventurados mesmo em meio aos infortúnios da vida, e os ensina a viver segundo uma lógica diferente da religião dos “hipócritas” (fingidores). Ulrich Luz aponta vários sentidos para o Sermão, que nos ajudam a compreender sua estrutura e ensinamentos: a) Mateus aponta a práxis cristã; b) o evangelho das obras é expressão da graça; c) o Sermão do Monte conjuga o preceito central do amor com outras exigências exemplares de Jesus; d) é uma ética para os discípulos; e) afeta a todo mundo através da pregação dos discípulos; f) conduz ao cumprimento da lei e dos profetas; g) formula as exigências da admissão no Reino dos Céus⁶.

No Sermão do Monte a espiritualidade é vivida em sintonia com a ética. Não basta ter um bom relacionamento com o Pai, é necessário estender esse bom relacionamento ao próximo. Até aí nenhuma novidade, pois a Torá tinha já em mente a ideia de boa convivência. Até mesmo o conhecido mandamento “olho por olho, dente por dente” pressupunha em sua essência a ideia de limites, de racionalizar a vingança para que inocentes não sofressem desnecessariamente. Mesmo assim, a proposta do Sermão do Monte é mais ousada, como em 5,38-40:

³⁸ Ouvistes o que foi dito: olho por olho, dente por dente. ³⁹ Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; ⁴⁰ e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa⁷.

Em 5,44, Jesus vai mais longe:

⁴³ Ouvistes o que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. ⁴⁴ Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem;

Essa dimensão perdoadora, misericordiosa e tolerante diante da ação violenta do outro é uma das tônicas do Sermão; uma ética da não violência é exigida dos discípulos pelo seu mestre. É um discipulado radical, onde o outro tem primazia sobre o meu bem-estar, e que me coloca numa posição de fragilidade. Esse preço aparentemente alto para ser discípulo de Jesus é recompensado; Jesus continua afirmando:

4. MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de São Mateus. Ouvistes o que foi dito aos antigos...? Eu porém vos digo! Coisas velhas e coisas novas*. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2005, p. 72.

5. CAMACHO, Fernando; MATEOS, Juan. *O Evangelho de Mateus*. São Paulo: Edições Paulinas, 1993, p. 55-56.

6. LUZ, Ulrich. *El Evangelio Según San Mateo*, I, Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993, p. 254-259.

7. Utilizaremos aqui a versão Almeida Revista e Atualizada.

para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuva sobre justos e injustos (5,45).

Assim, o princípio fundamental do discipulado no Sermão do Monte é o da *graça*. A graça faz com que a ética seja desligada de interesses pessoais, do ganho e da vontade de ser o vitorioso, aquele que vence a demanda. Enfim, sossega o espírito humano de seu desejo de “justiça”.

Eis um conceito muito caro ao Evangelho de Mateus: a justiça do reino. O termo justiça [*dikaiosyne*] aparece 5 vezes no Sermão (5,6; 5,10; 5,20; 6,1; 6,33), em conexão com uma prática de vida que reflita o reino, e que seja superior à dos escribas e fariseus. Essa justiça reflete também a espiritualidade do dar esmola, da oração e do jejum, como se pode apreender de 6,1:

Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles.

Uma conexão com a totalidade do Evangelho faz enxergar a vontade divina: a justiça se realiza na misericórdia, numa ética da não violência e do perdão, segundo o próprio Deus, que faz chover e ter sol sobre todos, sem distinção.

Uma figura importante no Sermão e, conseqüentemente, no evangelho é o pobre (*ptochós*). Ele é o foco do evangelho, e dele é o Reino dos Céus. Uma análise do ponto de vista econômico ou mesmo político do evangelho demonstra que a comunidade de Mateus era pobre, marginalizada. Era uma comunidade intrajudaica vivendo debaixo da crise pós-70 dC em confronto com outras expressões do judaísmo que a essas alturas lutavam para se impor como verdadeira expressão da fé israelita. A comunidade de Mateus optou pela autoestigmatização, ou seja, uma marginalização imposta por eles mesmos diante das outras propostas. Por isso, a condição deles passou a ser chave de interpretação para o discipulado: ao invés de lamentar sua situação, compreenderam que viviam o projeto do reino em toda a sua radicalidade, contra o projeto de riqueza material e poder temporal que outros grupos tinham como alvo.

A pobreza, diante da violência e das exigências de uma vida justa e piedosa, pode ser uma alternativa para a sustentabilidade: pois a ganância e o desejo por mais tendem a ser fatores de exploração do outro e do meio em que se vive. Eis aí uma novidade no Sermão do Monte, na pregação de Jesus, e na proposta de discipulado divulgada por Mateus: o olhar para o meio ambiente, além do próximo. Uma condição de vida sustentável e mediada por uma existência mais simples. Vejamos como isso aparece no Sermão.

2. Uma ética da sustentabilidade

O Sermão do Monte apresenta sua proposta de sustentabilidade exatamente no trecho em que se discute a lógica de acúmulo de bens materiais contra a pos-

tura desapegada desses bens, em 6,19-34. O trecho do v. 19-21 coloca o desafio diante dos discípulos:

¹⁹ Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; ²⁰ mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; ²¹ porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.

O que significa esse “tesouro” [*thesaurós*]? Se olharmos atentamente a antítese proposta por Jesus, as ameaças aos tesouros podem ser indícios para os mesmos: a traça corrói preferencialmente tecidos, o que pode ser uma referência à opulência nas vestimentas por parte dos mais ricos, num ambiente greco-romano. A ferrugem é um tanto mais difícil, porque o termo *brosis*, em grego, é comumente traduzido por “comida”, e em alguns casos como “praga”. Nesse caso, a ideia é de coisas de valor que se desgastam e, por isso, não adianta guardá-las para si. Esses dois elementos referem-se a perdas naturais que os tesouros podem sofrer. Por último, ele fala de ladrões, uma ameaça externa, e amplamente conhecida pela comunidade de Mateus. Durante o século I dC há vários relatos de “ladrões”, que na verdade eram pessoas ou grupos identificados com o “banditismo social”, uma reação à opressão externa dos romanos sobre os galileus.

Assim, a precaução de Jesus aos discípulos, que a comunidade de Mateus assumiu, diz respeito a focar em coisas superiores, que em si podem até não ser valorizadas no plano terreno, mas que têm eficácia no plano celestial. O que seriam? Jesus não esclarece, tampouco o redator do evangelho. Mas podemos pressupor que se trata das atitudes éticas que estão em jogo no Sermão do Monte e as quais Jesus chama de “justiça superior”. O ensino passa então a focar o que deve ser principal na vida dos discípulos: viver de forma simples, com contentamento. É o que afirma a perícopes de 6,25-34, que iremos analisar a seguir, segundo o princípio de vida baseado na máxima de não andar ansioso, ou como afirma outra tradução, “não vos preocupeis”⁸:

- Introdução – 25a: *Por isso, vos digo*
- Não vos preocupeis... observai... – 25b-26: *não vos preocupeis⁹ pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?*

8. LIMA, Anderson de Oliveira. *Acumulai tesouros no céu: estudo da linguagem econômica do evangelho de Mateus*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UESP, 2010, p. 102-103.

9. A versão Almeida Revista e Atualizada traduz *merimnate* por “andar ansioso” ou “inquietar-se”. Aqui optamos pelo sentido proposto por Lima, “preocupar-se”.

- Qual de vós preocupando-se...? – 27: *Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso de sua vida?*
- Por que vos preocupais...? – 28-30: *E por que andais preocupados quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?*
- Não vos preocupeis... buscai... – 31-33: *Portanto, não vos preocupeis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.*
- Não vos preocupeis... – 34: *Portanto, não vos preocupeis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.*

Jesus inicia e encerra o ensinamento com uma proibição exortativa, “não vos preocupeis”. Ora, se considerarmos as condições materiais da comunidade de Mateus, ou mesmo dos discípulos de Jesus que andaram com ele, segundo os evangelhos, pensar em comida não era um luxo. Eles não viviam em palacetes com grande estoque de comida, pelo contrário, muitos deles sequer tinham meios de subsistência, e isso em grande parte por terem escolhido andar com Jesus. Mesmo assim, Jesus afirma que não devem preocupar-se, o que se justifica numa situação de opressão econômica; de fato, Jesus está advertindo-os contra as revoltas por causa da comida. No centro do ensino, perguntas retóricas: você pode aumentar sua estatura pela ansiedade? Suas preocupações fazem a situação mudar por milagre? Em ambos os casos só há uma resposta: não; a experiência humana comprova isso.

A questão central está na ansiedade que tal foco provoca, ansiedade esta que se torna “algo que monopoliza os interesses do coração”¹⁰, ou seja, a única coisa que interessa. Mesmo a condição de pobreza não pode ser escusa para um estilo de vida mesquinho, fechado e explorador, uma versão menos ostensiva daquela que a riqueza é capaz de produzir nas pessoas. Na verdade, é o contrário: na não busca pelas coisas materiais está a grandeza. Onde está a saída? Segundo o ensino de Jesus, está em *observar a natureza e buscar o reino e sua justiça*.

10. CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus*. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2002, p. 235.

3. “Olhai as aves do céu...”: a observação da natureza como princípio para a sustentabilidade

Em Jesus, observar a natureza é uma forma de frear os impulsos exploratórios e gananciosos. Não é mera contemplação escapista; representa enfrentar a realidade da situação que se vive diante do mundo em sua totalidade, na forma como se estrutura naturalmente. Sem que haja qualquer intervenção divina no cotidiano das aves, mesmo aquelas menores e mais frágeis conseguem seu alimento cotidiano e subsistem dele. Da mesma forma, as flores são belas por sua natureza e não precisam da intervenção divina para assim ficar.

Sobre o alimento, diante desse confronto com a natureza, o ser humano sabe que tem mais formas de lidar com as situações exemplificadas: ele não só pode pegar o alimento *in natura*, como pode cultivá-lo, prepará-lo a fim de consumi-lo, podendo ainda armazená-lo para se alimentar posteriormente. O problema é que numa economia não monetária como a do século I dC o alimento torna-se fonte de riqueza, e acaba sendo indevidamente concentrado na mão de alguns em detrimento dos demais. Algumas parábolas de Jesus falam de arrendamento de terras; o cultivo era realizado para o senhor, e o camponês só tinha acesso a uma parte, caso não houvesse quebra na safra. Algo que uma leitura materialista teria compreendido como alienação do trabalho.

O grupo de discípulos de Jesus é desafiado, diante dessa situação, a andar na direção oposta da cultura do acúmulo e, por que não dizer, do desperdício. Fato é que muita comida acumulada tende a deteriorar em algum momento, e será descartada sem ter sido devidamente utilizada como alimento. A sustentabilidade em vista está colocada para que a preparação do alimento sirva para seu real propósito, e não para a ostentação e poder.

Em diversos momentos do Evangelho de Mateus há cenas onde o alimento é o centro da narrativa, e até motivo de discórdia: em 9,10-13, ele se reúne com os discípulos, juntamente com “publicanos e pecadores”. Por isso mesmo, os fariseus questionaram seus discípulos, iniciando uma série de controvérsias com Jesus. Em 12,1-8, a questão é por conta da fome dos discípulos que arrancam espigas no campo em dia de sábado. Mais uma vez o alimento torna-se motivo para o questionamento dos fariseus. Em 14,13-21, há um relato de milagre em torno do alimento, em que Jesus multiplica pães e peixes para alimentar a multidão. E no momento que antecede à prisão dele, temos o relato paradigmático da ceia (26,26-30), que se tornou inclusive marca para a Igreja, tanto de pertença quanto de comunhão.

Isso demonstra que a mesa e o alimento são importantes para a comunidade de Mateus, a partir do exemplo de Jesus. Quando Ele critica os bens materiais, não está afirmando que não são importantes, mas que em si não devem preencher o todo da vida, ser o foco das atenções, pois isso não acrescenta, só diminui a grandeza da missão humana e divina. Como na oração do Pai-Nosso, essas preocupações são o mal de cada dia.

Esse mesmo princípio de observação se dá com relação ao vestuário; olhar as flores e sua beleza demonstra a inutilidade da ostentação e da busca pelo acúmulo desse bem material. Poderíamos acrescentar ao vestuário os elementos como móveis, e a própria habitação, como meios de apresentar a riqueza e o bem-estar. Em todos estes casos, é possível distinguir aquilo que é para ser utilizado de acordo com as necessidades daquilo que se torna instrumento de ostentação e luxúria.

No Império Romano, especialmente no século I dC, muitos judeus ricos das terras palestinas tinham casas romanizadas, com estruturas extravagantes; era uma apropriação do tempo dos gregos, de dois séculos antes, onde o desejo pelo estilo de vida helênica tomou conta da elite sacerdotal e governante de Israel. Entretanto, os mais pobres, como os moradores de Nazaré, por exemplo, viviam em moradias rústicas, sem aposentos definidos, escavadas na pedra, formando cavernas, para resistir às intempéries e poderem guardar a colheita anual em cisternas, além da água. Assim, havia uma discrepância total entre os dois ambientes e aos grupos sociais. Nesse contexto, o grupo de Jesus estava vinculado a um estilo de vida pobre.

Jesus vai mostrar a importância de os discípulos serem equilibrados na forma de usar os bens que estão à mão, ou ainda, de se contentarem com os poucos recursos a que têm acesso, considerando que eles atendem ao básico para a vida. Por isso mesmo, até as vestimentas utilizadas pelos religiosos (fariseus) é criticado, nesse caso, como elementos de exposição pública e ostentação pessoal, como a crítica de Mt 23,5:

Praticam todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alongam os seus filactérios e alongam as suas franjas.

Em suma, Jesus aponta para o fato de que “alimento e roupa são meios, não totalidade e objetivo, da existência humana”¹¹. Onde estão a totalidade e objetivo neste caso? Jesus indica a resposta em meio aos exemplos que aponta: Deus sabe das necessidades humanas; o ser humano vale mais que passarinhos ou flores. Por mais que isso tenha um aspecto de antropocentrismo, deve ser visto no conjunto do conceito judaico da criação, onde o ser humano é a coroa de tudo o que existe. Nesse caso, está implícito o conceito de mordomia, ou seja, do ser humano como administrador da criação; o ato predatório de explorar os recursos de maneira indevida nunca esteve presente no imaginário sobre o papel do ser humano na criação. Sobre isso comenta Haroldo Reimer:

Pelo projeto de vida de Deus, os seres humanos e os cristãos em particular, receberam a incumbência de zelar pela criação continuada de Deus. Receberam a tarefa de cuidar de uma criação que se estende até hoje, incluindo

11. CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus*, p. 235.

todas as mutações, transformações e evoluções naturais (ver Gênesis 2,15). Nós somos *um elo* da comunidade da criação. Não podemos viver nem isolados, nem separados, nem acima dos outros elos da criação¹².

O Sermão do Monte dá impressão que Jesus tinha em mente algo semelhante. Ele utilizou exemplos da criação, tanto aves quanto flores, para mostrar que, mesmo sendo mais importantes na escala da criação, os seres humanos estão em codependência com os demais seres. O fato de sermos administradores da criação não nos torna senhores dela. Aqui temos o ponto-chave da exortação de Jesus em torno da observação: ver a natureza é como ver-nos a nós mesmos; somos espelho da criação, às vezes deformado, mas sempre refletindo aquilo que ela quer mostrar.

4. “Buscai ... o seu reino e a sua justiça”: a prioridade do outro como princípio para a sustentabilidade

A partir dos exemplos que apontou, Jesus reforça a proibição dos discípulos não se preocuparem com o amanhã, e aponta para o caminho que, como princípio, supera a ansiedade pelos bens materiais. Ao contrário do que se possa pensar, não é o escapismo escatológico de uma esperança futura de consolação, mas o sair de si mesmo, olhando para o próximo e a criação.

No discipulado de Jesus a condição do outro é mais importante que a de si mesmo; bem-estar é um termo comunitário, social, ecológico, global. Entretanto, temos um embate entre dois senhores, representados pelas riquezas e Deus. Desfrutados solitariamente, comida, bebida e vestes representam a opressão, o poder corrupto, o desvio do projeto de Deus; enfim, o pecado. Partilhados, apontam para o Reino dos Céus.

Jesus desafia os discípulos a colocarem no reino e na justiça de Deus o foco de toda sua vida. Projetos, desejos, metas, tudo deve convergir para a vontade divina, que tem no todo sua realização. Na justiça, como visto acima, está a misericórdia, e nela a vida. Misericórdia para os inimigos, então também para os desconhecidos, os amigos, os animais e recursos naturais. Misericórdia que se torna capaz de avaliar a real necessidade de comprar, de usar, de tirar da natureza em instantes o que ela precisou de milênios para gerar.

Sustentabilidade, nesse sentido, tem cheiro de coisa comunitária: não se usa sozinho, não se faz sozinho, não se constrói sozinho; é preciso do outro, do próximo, de uma relação inteligente com os recursos naturais, preservando, ao máximo e sempre que possível, o ambiente onde vivemos. E em alguns casos, recuando, deixando de avançar, para que a administração não se torne tirania.

12. REIMER, Haroldo. *Toda a Criação. Bíblia e Ecologia*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2006, p. 48. Destaques do autor.

Não à toa, Jesus encerra o ensino sobre sustentabilidade advertindo mais uma vez aos discípulos sobre não se preocupar, e usando uma espécie de adágio popular: *basta ao dia o seu próprio mal*. Buscar o conhecimento do futuro, visando evitar sofrimento e esforço, não cabe aos seres humanos; no ambiente greco-romano, os papiros mágicos gregos, bem como os oráculos, eram muito buscados, pelo desejo das pessoas conhecerem seu futuro. Só uma coisa é certa: o amanhã trará seus próprios cuidados, em termos de problemas. É isso que o texto afirma como sendo o *mal*. Mas, se por um lado o amanhã tem a certeza do mal, da parte de Deus há a certeza do cuidado. Assim, a graça não apenas apela a uma visão desprendida da vida, como alimenta a confiança no cuidado divino por todos, especialmente daqueles que nada têm.

Tal cuidado, no entanto, se torna mais evidente no processo comunitário. Nele, todos estão vinculados pelos mesmos princípios de *observação da natureza e busca do reino e justiça de Deus*. Todos se mantêm e conseguem realizar sua missão de forma plena.

Conclusão

O Sermão do Monte nos mostra, de uma forma didática, como viver de maneira adequada. Mateus apresenta para sua comunidade, nessa estrutura, uma tradição sapiencial de Jesus que serve de admoestação para todos ainda hoje. Colocada de maneira simples, olhar para a natureza é a melhor maneira de dimensionar o modo de vida que deve nos reger.

Com isso, o princípio da sustentabilidade está expresso no Sermão do Monte, pela indicação de Jesus em prol de uma ética comprometida com o outro e com a criação. Essa ética se expressa, em primeiro lugar, como uma práxis que supera a cultura da violência e da vingança, em favor de uma conduta modesta e pacífica. A partir dessa mudança de conduta ela é capaz de superar uma espiritualidade vazia e ensimesmada, em que o particular (aquilo que é feito de forma abscondita) se torna comunitário, e todos são beneficiados por ela. Ou seja, o viver passa a ter o outro como prioridade, bem como a manutenção dos meios de vida.

Mas é na observação da natureza e na busca do reino e da justiça de Deus que a sustentabilidade se torna mais evidente. Por elas o ser humano toma consciência, de um lado, de que há mais coisas no universo do que ele mesmo, e que ele é parte de um todo, no qual todos são importantes, de um modo ou de outro. De outro, ele percebe que as limitações pelas quais vive podem ser colocadas diante de Deus, que cuida de todos, e que pela sua graça permite que todos tenham acesso ao básico para a vida. No contexto maior do texto de Mt 6,25-34, pode-se perceber que a observação da natureza e um refreamento na ansiedade do *ter* são antídotos para a ganância que alimenta esse desejo. Nesse sentido, em vez do *ter*, o imperativo é o *ser*.

A experiência e observação da realidade, no entanto, nos tem mostrado um quadro difícil de aceitar: crianças morrendo de inanição, distribuição desigual de água no mundo, bem como de outros recursos. Enquanto isso, países inteiros consomem em um ano o que milhões jamais consumirão na vida toda. Mesmo assim, a resposta está no reino: não num sentido escapista de futuro, mas numa proposta ética que tem na igualdade e na sustentabilidade os eixos fundamentais. Uma vivência sem os pressupostos do acúmulo e da ânsia do ter é regida por uma ética da sustentabilidade, onde os seres humanos se respeitam e aos demais seres viventes, e aprendem com eles. Viver o Sermão do Monte nessa lógica é trabalhar pelo reino hoje.

Bibliografia

- CAMACHO, Fernando; MATEOS, Juan. *O Evangelho de Mateus*. São Paulo: Paulinas, 1993.
- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus*. Comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. São Paulo: Paulus, 2002.
- JÚNIOR, Josias da Costa. “Espírito e natureza na teologia de Jürgen Moltmann”. In: *Caminhando*, Vol. 13, n. 22. São Bernardo do Campo: Editeo, 2º semestre de 2008.
- LIMA, Anderson de Oliveira. *Acumulai tesouros no céu: estudo da linguagem econômica do evangelho de Mateus*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UMESP, 2010.
- LUZ, Ulrich. *El Evangelio Según San Mateo*, I, Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993.
- MAZZAROLO, Isidoro. *Evangelho de São Mateus*. Ouvistes o que foi dito aos antigos...? Eu porém vos digo! Coisas velhas e coisas novas. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2005.
- REIMER, Haroldo. *Toda a Criação. Bíblia e Ecologia*. São Leopoldo: Oikos Editora, 2006.
- SCHWEIZER, Eduard. *Il vangelo secondo Matteo*. Brescia: Paideia Editrice, 2001.
- STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*. São Leopoldo: Editora Sinodal, São Paulo: Paulus, 2004.

Marcelo da Silva Carneiro
Rua Mendes Tavares, n. 93 – Ap. 102
Vila Isabel
20560-050 Rio de Janeiro, RJ
E-mail: prmscarneiro@yahoo.com.br